



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS AO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Mardcélia Cavalcante Farias<sup>1</sup>  
Thaíse da Silva Santos Oliveira<sup>2</sup>  
Alex Chagas da Rosa<sup>3</sup>  
Sandra Cristina de Sousa Alves<sup>4</sup>  
Jonas dos Santos Lima<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente trabalho científico buscou identificar se as práticas pedagógicas progressistas colaboram e proporcionam a real inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que, possuem uma percepção própria da realidade. Em contrapartida, tais alterações físicas e funcionais a partir do sistema neurológico, não são barreiras impeditivas para uma convivência social. Dentre os subsídios pesquisados, os recursos audiovisuais, comunicação alternativa (PECS - *Picture Exchange Communication System*) e análise aplicada do comportamento (ABA), apresentam-se como estratégias de suma importância, pois atendem às necessidades e limitações dessas crianças e jovens, proporcionando assim, uma maior interação com as atividades educativas propostas. Os resultados preliminares obtidos apontam para a importância de compreender que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) muitas vezes não aprendem como uma criança neuro típica, ou seja, o processo de ensino aprendizagem é diferente, pois existe uma relação entre o cérebro e os sentidos e por esse motivo as informações transmitidas nem sempre geram conhecimento, por isso é importante que o professor tenha um amplo leque de métodos, modelos e sistemas de comunicação à disposição. Desta forma, o papel do Estado a partir do fortalecimento, ampliação, fiscalização e manutenção de políticas públicas como também ações específicas voltadas para as pessoas com TEA e estas devem ser efetivas. Neste cenário o trabalho em tela tem um papel importante

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia - marcdeliacavalcantefarias@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia - thaíse8787@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor Mestre em Educação - prof.alex.chagas@frm.edu.br

<sup>4</sup> Professora Especialista - prof.sandra@frm.edu.br.

<sup>5</sup> Mestre em Educação e Doutorando em Ciências da Educação –ACU. jonaslima183@gmail.com

para a conscientização da sociedade, sobre a melhor maneira de incluir essas crianças na sociedade.

**Palavras-chave:** Aprendizagem, TEA, Inclusão, Práticas pedagógicas.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade identificar se as Práticas Pedagógicas atuais colaboram e proporcionam a inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Autismo vem da palavra “autos” cujo significado é próprio ou de si mesmo, é um transtorno global de desenvolvimento do sistema nervoso que surge ainda na infância, causando manifestações de comportamentos, atrasos no desenvolvimento e *déficits* na comunicação e interação social da criança.

Segundo a *American Psychiatric Association* (2013, p.35);

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por *déficits* persistentes na comunicação social e na interação social, juntamente com padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas podem afetar significativamente o funcionamento diário e o desenvolvimento global da pessoa com TEA (*AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION*, 2013, p.35).

O TEA pode vir acompanhado de outros distúrbios, como hiperatividade, depressão e epilepsia apresentando-se em graus variados, desde os mais leves aos mais

severos. Ainda não se tem uma elucidação das possíveis causas do autismo, por ser multifatorial, ele pode ser provocado por um fator genético, havendo assim inflamações no cérebro, causando então uma inconsistência no sistema desse indivíduo. Apesar de não ter cura, o autismo possui tratamento que ajuda a melhorar a concentração, diminuir os movimentos repetitivos, melhorando a qualidade de vida, não só do autista mais também da sua família.

Conforme definição do Ministério da Saúde:

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, *déficits* na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades (*BRASIL*, s.d., p.15).

O diagnóstico do autismo muitas vezes começa com o pediatra, que tem papel fundamental na identificação dos primeiros sinais e sintomas. No entanto, é importante ressaltar que outros profissionais, como psiquiatras clínicos e neuropediatras, desempenham papéis complementares e

essenciais nos processos de diagnóstico e planejamento terapêutico.

Assim, o envolvimento de um psiquiatra clínico ou de um neurologista pediátrico complementa o trabalho do pediatra, permitindo uma orientação mais personalizada e especializada para as melhores formas de tratamento, no caso individual de cada paciente.

Para que haja um bom resultado, o tratamento deve ser feito por uma equipe composta de médico, fisioterapeuta, psicoterapeuta, terapeuta ocupacional e fonoaudiólogo, que juntos indicarão terapias específicas para cada paciente. Além desses cuidados, também é importante fazer uso de uma alimentação variada e saudável, incluindo frutas e vegetais.

O tratamento deve ser estabelecido de modo acolhedor e humanizado, considerando o estado emocional da pessoas com TEA e seus familiares, direcionando suas ações ao desenvolvimento de funcionalidades, como também à prevenção ou retardo de possível deterioração das capacidades funcionais, por meio de processos de habilitação e reabilitação focados no acompanhamento médico e no de outros profissionais de saúde envolvidos com as dimensões comportamentais, emocionais, cognitivas e de linguagem (oral,

escrita e não verbal), pois estas são dimensões básicas à circulação e à pertença social das pessoas com TEA na sociedade (BRASIL, 2012, p. 57).

O conceito de educação inclusiva parte da necessidade de educar a partir das diferenças. O processo de inclusão e aprendizagem de crianças autistas é um verdadeiro desafio, pois muitas vezes a sociedade, a escola, os professores não estão preparados para lidar com essas crianças, dificultando assim a interação, desenvolvimento e aprendizagem desses alunos.

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de auto funcionamento, com grau baixo de comprometimento (SANTOS, 2008, p.300).

Trabalhar com crianças com autismo é um desafio diário, o profissional da educação terá que perceber as dificuldades, as limitações, os estímulos que mais lhe ajudará a atingir os objetivos desses alunos. Sendo assim: Quais

estratégias deverão ser usadas para inserir essas crianças dentro e fora do ambiente escolar? Quais práticas pedagógicas irão contribuir de maneira significativa para o aprendizado de crianças autistas?

Para Santos (2008) o tratamento específico em crianças com autismo tende a variar de acordo com suas características;

Como o autista pode variar muito na sua capacidade intelectual, assimilação e prática linguística, fases do seu desenvolvimento, idade na época do tratamento, nível de desenvolvimento e personalidade, grau de gravidade do distúrbio, clima e estrutura familiar, além de outros elementos, algum recurso empregado pode ser eficaz para uma criança e nem tanto para outra. (SANTOS, 2008, p. 302)

Conhecer as características de cada aluno é essencial para que, o profissional da educação possa planejar e utilizar as estratégias necessárias, pois crianças autistas aprendem de forma diferente e precisam de intervenção para efetivação do seu aprendizado. Sendo assim, a presente pesquisa objetivou em buscar diferentes práticas pedagógicas que ajudem no processo de ensino- aprendizagem e inclusão de crianças com autismo, respeitando as suas limitações.

## 1. MARCO HISTÓRICO DO AUTISMO

O termo “autismo” foi usado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939) para descrever um grupo de pessoas com sintomas relacionados à pacientes com esquizofrenia.

Conforme Marfinati; Abrao (2014, p.189);

Assim, podemos dizer que o termo autismo foi usado, inicialmente, em 1911, pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, para delinear mais um dos sintomas da esquizofrenia. Contudo, foi só a partir do fim da Segunda Guerra Mundial que o autismo começou a ser tratado como uma patologia diferenciada.

Somente três décadas depois, que o autismo foi desassociado da esquizofrenia e passou a ser tratado como uma crise comportamental. As primeiras conclusões sobre as características do autismo teriam surgido dos estudos do psiquiatra austríaco: Leo Kanner (1894-1981).

Em 1943, Kanner denominou em sua pesquisa características comportamentais bastante específicas, através de um estudo de observação feito em 11 crianças, pôde concluir que algumas delas acompanhavam algumas características em comum: pouco contato visual, interesses restritos, dificuldades de

relacionamento e comprometimento na linguagem. Crianças com autismo apresentam diferentes formas de se comunicar, têm dificuldade em reconhecer emoções e interagir com os colegas, professores e, podem ter interesses e habilidades que devem ser exploradas na aprendizagem.

O transtorno "patognomônico" fundamental é a incapacidade da criança de relacionar-se de modo usual com pessoas e situações desde o início da vida. Existe desde o início, uma extrema solidão autista que, sempre que possível, desconsidera, ignora, exclui tudo o que vem de fora. (KANNER, 1943, p. 242).

Em 1944, o austríaco Hans Asperger (1906-1980), em seu estudo um distúrbio diagnosticado por Psicopatia Autista na infância, relata o distanciamento e as dificuldades em socializar, atraso e dificuldade na linguagem com incidência apenas no sexo masculino. Ambos os pesquisadores, em diferentes momentos, deixaram artigos referentes ao Transtorno de Espectro Autista.

Na década de 1970, a psiquiatra inglesa Lorna Wing (1928-2014), teria apontado o autismo como um espectro de diferentes níveis de condições, devendo ser analisado de acordo as necessidades de cada

indivíduo, tendo como base a chamada "tríade sintomática do autismo, a partir da interação e compreensão social, na comunicação e imaginação e nos interesses e comportamentos restritos" (PONCE; ABRAO, 2019, p.345).

Um momento muito importante na história do autismo está relacionado aos estudos de Michael Rutter (1978), um psicólogo de origem britânica que constatou o autismo em quatro critérios; comportamentos incomuns, atrasos cognitivos e desvios sociais, problemas de comunicação apresentados aos 30 meses de idade.

Em 1980, o autismo foi reconhecido pela primeira vez na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), sendo colocado em uma nova classe de transtornos invasivos de desenvolvimento (TIDs).

Russo; Venâncio (2016, p.470);

O DSM III foi proclamado um manual a-teórico, baseado em princípios de testabilidade e verificação a partir dos quais cada transtorno é identificado por critérios acessíveis à observação e mensuração empíricos. Fundamenta-se numa crítica ao modo anterior de classificação baseado em uma pretensa etiologia dos transtornos mentais, ou seja, em processos subjacentes, inferidos pelo clínico, e não

passíveis de uma observação empírica rigorosa.

Em 1994, foi lançado o mais novo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais através da *American Psychiatric Association* (APA), o DSM-IV, onde foram publicados mais de 250 transtornos mentais, inclusive os chamados: Transtornos Globais do Desenvolvimento.

Segundo, Schmidt (2010, p. 209);

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento é uma categoria diagnóstica que inclui um grupo de outros transtornos caracterizados no DSM-IV. Esses outros transtornos estão incluídos nos TGDs porque todos apresentam sintomas em comum, ou seja, o prejuízo severo e invasivo em diversas habilidades de interação social recíproca, nas habilidades de comunicação e a presença de comportamento, interesses e atividades estereotipados. Essas três características é que caracterizam os TGDs.

Em 2007, foi proclamado pela ONU o dia mundial de conscientização sobre o autismo, com o objetivo de criar diálogos entre familiares, profissionais de saúde e toda a população, para se pensar sobre o acolhimento e todas as questões que envolvem pessoas com autismo. De acordo com Tamanaha; Perissinoto (2021, p.96);

[...] a Síndrome passou a ser conhecida como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) a partir de 2013, com a publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5. Apesar desta mudança de classificação, a expressão “Síndrome de Asperger” ainda é usada em alguns países.

Posteriormente, ocorreram mudanças significativas no que tange a terminologia do Transtorno do Espectro Autista (TEA), tais como, o Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, além do Autismo de Alto Funcionamento (AAF), assim como a Síndrome de Asperger (SA), Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), quadros clínicos com características marcantes de desordem do desenvolvimento no sistema neurológico, presentes desde o nascimento ou da infância.

Neste contexto, a comunicação social e as habilidades sociais apresentam contornos diferenciados, sendo necessária uma ampla rede de cuidados e ações multidisciplinares que englobam também o processo pedagógico.

## **2. IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS COM TEA**

As práticas pedagógicas têm como principal objetivo estimular a aprendizagem dos alunos, levando em consideração o contexto social, cultural, as necessidades individuais e a etapa de escolaridade em que esses alunos estão inseridos (GROSSI, 2017).

Na perspectiva de Franco (2016, p.520);

As práticas pedagógicas se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo.

Por meio de abordagens diferenciadas e adequadas, os/as docentes podem promover um ambiente de ensino inclusivo que facilite o desenvolvimento acadêmico e socioemocional de todos os alunos, incluindo até alunos com autismo. Para que a criança aprenda, o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem não depende apenas do seu interesse, mas de todo o sistema educacional que deve reconhecer e atender as necessidades de todos os estudantes, numa perspectiva inclusiva.

De forma objetiva, Aranha (2004, p.78) define o papel da inclusão escolar

Numa escola inclusiva, o aluno é sujeito de direito e foco central de toda ação educacional; garantir a sua caminhada no processo de aprendizagem e de construção das competências necessárias para o exercício pleno da cidadania é, por outro lado, objetivo primeiro de toda ação educacional. A escola inclusiva é aquela que conhece cada aluno, respeita suas potencialidades e necessidades, e a elas responde, com qualidade pedagógica. Para que uma escola se torne inclusiva há que se contar com a participação consciente e responsável de todos os atores que permeiam o cenário educacional: gestores, professores, familiares e membros da comunidade na qual cada aluno vive.

Um exemplo interessante das práticas educativas inclusiva traz-nos os alunos com Transtorno do Espectro Autista, onde os mesmos não conseguem acompanhar as aulas de forma convencional, sendo assim, se faz necessário uma adaptação nas metodologias, nas dinâmicas e técnicas adaptadas a todos os estágios, levando em conta suas especificidades, pois nenhum autista é igual, sendo assim deve-se considerar que:



No ensino do aluno com Transtorno do Espectro Autista, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há, sim grandes possibilidades de aprendizagem, considerando a função social construtivistas da escola, entretanto, o ensino não precisa estar centrado nas funções formais e nos limites preestabelecidos pelo currículo escolar. Afinal a escola necessita se relacionar com a realidade do educando. Nessa relação, quem primeiro aprende é o professor e quem primeiro ensina é o aluno. (CUNHA, 2015, p. 49)

É preciso se ter um olhar diferenciado no modo de ensinar, verificando a necessidade de um modelo de ensino que esteja além do ambiente escolar, proporcionando atividades em que o aluno do espectro autista aprenda junto com os seus colegas, a partir de uma troca de experiências e conhecimentos.

Essa prática pedagógica contribui de maneira positiva para a inclusão do aluno com TEA. As atividades lúdicas, os recursos tecnológicos se utilizados corretamente podem oferecer suporte e melhor desempenho nas aulas, pois de acordo com Bersche (2006, p.89):

(...) buscar com criatividade, uma alternativa, para que o aluno realiza o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa “fazer” de outro jeito. É

valorizar o seu jeito de fazer aumentar suas capacidades de ação e interação, a partir de suas habilidades. É conhecer e criar novas alternativas para a comunicação, escrita, mobilidade, leitura, brincadeiras e artes, com a utilização de matérias escolares e pedagógicos especiais. É a utilização do computador como alternativa de escrita, fala e acesso ao texto. É prover meios para que o aluno possa desafiar-se a experimentar e conhecer, permitindo assim que construa individual e coletivamente novos conhecimentos. É retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ato.

É verdade que muitos docentes podem não estar preparados para aceitar alunos com autismo em sala de aula. A falta de pesquisa de conhecimentos específicos e o não planejamento das distinções de classes podem prejudicar o desenvolvimento e a aprendizagem dessas crianças. “Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio” (MORGADO, 2008, p.230 *apud* CORREIA, 1999,).

Destarte, é de suma importância que os/as docentes iniciem uma comunicação aberta com os pais, mães e/ou demais responsáveis, para bom entendimento sobre o comportamento das crianças em casa, seus

hábitos e necessidades individuais. Isso lhes permitirá desenvolver atividades educativas interessantes e relevantes, levando em consideração que cada aluno é único e tem sua própria forma de aprender e apreender.

É importante frisar que, tais interações, professor-aluno, podem variar dependendo da formação pessoal, experiência e dedicação de cada docente. “O caminho das práticas pedagógicas inovadoras e não excludentes não é o de focar nas inabilidades, nos déficits, naquilo que os alunos não sabem fazer, tampouco direcionar a expressão do ser” Orrú (2016, p.127).

No entanto, reconhecer a importância de uma preparação e diálogo adequados entre educadores e pais é um passo fundamental para promover um ambiente que apoie o crescimento e a inclusão de todos os alunos, incluindo os alunos com autismo. Cagliari (1999, p.37) defende que:

Aprender é um ato individual: cada um aprende segundo seu próprio metabolismo intelectual. A aprendizagem não se processa paralelamente ao ensino. O que é importante para quem ensina, pode não parecer tão importante para quem aprende. A ordem da aprendizagem é criada pelo indivíduo, de acordo com a sua história de vida e, raramente,

acompanha passo a passo a ordem do ensino.

A criança com autismo possui muita dificuldade na aprendizagem, principalmente no período da alfabetização. Precisa-se de um acompanhamento mais cauteloso nos primeiros meses, para que haja um bom processo de adaptação. A coordenação motora precisa ser bastante estimulada, pois, a maioria utiliza os livros, brinquedos e o que estiver disponível para jogar nas outras crianças. Para se aplicar a inclusão das crianças com TEA é necessária uma luta constante, pois isso está ligado as mudanças de atitudes, respeito, amor ao próximo e solidariedade. Praça (2011, p.54) afirma que:

Através da inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolas é possível desenvolver na cultura escolar o respeito às diferenças e consequentemente contribuir para diminuir ou eliminar o preconceito, que uma das razões para se praticar a exclusão tanto na escola quanto na sociedade.

O processo de inclusão de crianças com TEA deve ir além de sua presença na sala de aula; acima de tudo, deve visar o aprendizado o desenvolvimento de habilidades e oportunidades e a superação de dificuldades. A educação é uma das

maiores ferramentas para o desenvolvimento de crianças com autismo.

### 3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

As metodologias de ensino para crianças autistas são estudadas e elaboradas através de pesquisas científicas realizadas com foco na qualidade dos processos inclusivos.

O objetivo principal dessa metodologia é ensinar comportamentos e habilidades aos indivíduos com dificuldades para que eles se tornem independentes e inseridos na comunidade. Para que isso seja possível, os profissionais utilizam técnicas para o desenvolvimento da comunicação, das habilidades sociais, de brincadeira, acadêmicas e de autocuidados (FIGUEIREDO, 2014, p.48).

É de suma importância entender essas metodologias para que haja uma prática efetiva, afetiva que inclua qualitativamente as crianças autistas, desta forma é importante que os profissionais da Educação devam conhecer e estudar a Análise do Comportamento Aplicada (ABA). As estratégias de maior eficácia da atualidade para as crianças com TEA são aquelas entrelaçadas por uma prática afetiva.

#### • **Terapia ABA - *Applied Behavior or Analysis***

*ABA- Applied Behavior or Analysis*, é uma terapia da aprendizagem, que promove o ensino de novas habilidades, ajudando a amenizar os comportamentos de agressão e autoagressão das pessoas com TEA, melhorando seu desenvolvimento. A Associação para a Ciência do Tratamento do Autismo nos Estados Unidos, afirma que a terapia ABA é o único tratamento que possui evidência científica suficiente para ser considerado eficaz na aprendizagem sem erros. Os primeiros estudos envolvendo a terapia ABA foram realizados no ano de 1960.

Segundo Smith et al., 2016, p.215;

"A terapia ABA (Análise do Comportamento Aplicada) é uma abordagem baseada em evidências que tem sido amplamente utilizada no tratamento de transtornos do espectro do autismo. A terapia ABA enfatiza a aplicação de princípios comportamentais para ensinar novas habilidades e reduzir comportamentos problemáticos. Estudos têm mostrado que a terapia ABA pode ser eficaz na promoção de habilidades sociais, de comunicação e de autonomia, além de reduzir comportamentos desafiadores em indivíduos com autismo. No entanto, é importante ressaltar que a terapia ABA deve ser aplicada de forma individualizada e com base nas

necessidades específicas de cada pessoa, levando em consideração seus interesses, preferências e contextos sociais".

Em 1987, o Psicólogo clínico Ivar Lovaas publicou um novo estudo que apontava os benefícios com o uso do tratamento ABA em pessoas diagnosticadas com autismo. O uso da Análise Comportamental Aplicada voltada para o Transtorno do Espectro Autista baseia-se em alguns passos:

- Focar no ensino das habilidades relevantes
- Focar que essas habilidades sejam postas em prática no mundo real, além do paciente, indo além do contexto clínico
- Garantir sucesso
- Fazer com que o aluno seja capaz de responder por conta própria
- Diminuir a frustração e aumentar a motivação

A terapia ABA envolve o ensino das habilidades necessárias para que a criança autista possa adquirir independência e melhor qualidade de vida. O tratamento do autismo por meio do ABA pode ser feito por: Psicólogos, Fonoaudiólogos, Terapeuta ocupacional, Pedagogos, Fisioterapeuta e Educador Físico.

## • **Terapia TEACCH**

É uma sigla para Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Limitações. Está relacionado à comunicação, fundamentando-se em pressupostos da Psicologia linguística, trabalhando com a linguagem expressiva e receptiva.

Segundo Penerai et al., 2013, p.153:

"O modelo TEACCH é amplamente utilizado como abordagem terapêutica para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, enfocando a organização do ambiente, estruturação de tarefas, rotinas e o uso de apoios visuais. Estudos demonstraram benefícios significativos na redução de comportamentos problemáticos e no desenvolvimento de habilidades adaptativas".

Dessa forma percebe-se que o foco desse modelo está na promoção do aprendizado a partir da valorização das capacidades cognitivas de cada indivíduo. Além disso, ele se baseia na adaptação dos ambientes, facilitando os novos aprendizados nas mais diversas ocasiões como escola, casa, trabalho e outros.

## • **PROMPT**

Nesta técnica é possível citar o processo de alfabetização e letramento

através da aquisição da fala. O professor mediador dessa técnica poderá ajudar a aluno autista desde a chegada na sala de aula até em casa. Essa técnica ajuda bastante no desenvolvimento dos conteúdos propostos fazendo com que o aluno autista adquira conhecimento e possa fazer uso deles de maneira independente.

O Prompt faz parte da técnica comportamental e tem o objetivo de ajudar a criança a emitir as respostas corretas. A ajuda deve ser dada de acordo como o nível de dependência que a criança apresenta. Ela pode ser oferecida imediatamente após a instrução, durante a resposta incorreta. (FIGUEIREDO, 2014 p. 55).

Conforme observado, o método Prompt vai além de ser um corretor de fala, pois, engloba também o ato de comunicar dentro de um conjunto sensorial, cognitivo e emocional.

- **PECS (Picture Exchange Communication System)**

Essa é uma das estratégias utilizada para intervir a comunicação entre uma criança autista e um adulto, utilizando a troca de figurinhas e pode fazer muita diferença em sala de aula. É um método muito importante, porque estimula interação fornecendo um meio de aprender várias habilidades.

Charlop-Christy *et.all.*  
(2002, p.220);

O PECS (*Picture Exchange Communication System*) é um sistema de comunicação alternativa baseado em imagens que tem se mostrado eficaz para promover a comunicação em crianças com dificuldades na fala e na linguagem. O uso do PECS tem sido associado a melhorias na expressão de necessidades e desejos, no desenvolvimento da linguagem receptiva e na interação social.

O sistema PECS concebido pela *Pyramid Educational Consultants, Inc* (1986) é um dos modelos de interação sem o uso da fala, o que permite uma interação independente e direta para autistas não verbais, pois, a comunicação flui pelas imagens.

- **PLAY KIDS**

Práticas pedagógicas utilizadas para o melhor desenvolvimento do sujeito autista em sala de aula com intenção de propor atividades que estimulem o pensamento lógico; privilegiar vínculos afetivos; utilizar linguagem objetiva; explorar o cotidiano, utilizar o concreto e o lúdico; propor atividades baseadas no interesse do aluno. Ensinar crianças com autismo muitas vezes, pode ser um desafio no processo de

aprendizagem de todos os alunos, com suas diferentes necessidades.

Essa modalidade é referenciada por Nascimento (2019, p.18) em seu artigo sobre a interatividade a favor do conhecimento:

Na área acadêmica, estas tecnologias, protagonizadas pelas redes sociais e aplicativos, surgem como uma alternativa a mais no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, os jogos são uma maneira lúdica e acessível para obter conhecimento.

As crianças e jovens dentro do espectro autista possuem uma percepção própria da realidade, em contrapartida, tais alterações físicas e funcionais a partir do sistema neurológico, não são barreiras impeditivas diante de uma convivência social em grupo, ou seja, com acompanhamento especializado integrado à políticas públicas inclusivas, esse público pode viver e conviver tranquilamente em comunidade, neste quesito as tecnologias podem ser aliadas neste processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao que foi descrito no presente artigo científico, é possível observar a importância de um planejamento diferenciado para alcançar a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças autistas.

Embora não seja uma tarefa fácil, pois, requer muita dedicação e trabalho especializado, por isso se faz necessário a presença de professores capacitados para que procurem atender e dar uma melhor assistência aos seus alunos com TEA.

A partir do que foi pesquisado, trouxemos a definição do autismo, a importância do acolhimento e a preparação dos profissionais que irão receber essas crianças. Ficou evidente o quanto as práticas pedagógicas diferenciadas auxiliam e ajudam no desenvolvimento, comportamento e habilidades de crianças com autismo.

Para garantir uma melhor assistência, é preciso que os professores sejam capacitados, participando de formações continuadas para que a qualidade de ensino seja lapidada de acordo com suas necessidades. Primordial destacar que a família precisa andar de mãos dadas com a escola, sendo, uma família participativa, tanto nos projetos, quanto nas ações que a escola realize.

Outro papel imprescindível é o do Estado, a partir do fortalecimento, ampliação, fiscalização e manutenção de políticas públicas, como também ações específicas voltadas para às pessoas com TEA. E que estas devem ser efetivas, pois, a Carta Magna (1988) traz em seu artigo

208, inciso III, as garantias para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltado para esse público, ratificado pelo artigo 54, inciso III do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) através na Lei nº 8.069, 1990, como também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Lei nº 9.394, 1996. Além da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (Brasil, 2008); Lei do Autismo" - Lei nº 12.764, 2012; e o Decreto nº 8.368/2014 sobre a garantia de vagas nas escolas públicas para autistas; por fim Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) um documento de suma importância na garantia dos direitos dos deficientes, como os autistas, em acordo com Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência, aprovado em 13 de dezembro de 2006 pela Assembleia Geral da ONU.

Entendemos pois, que a nossa pesquisa tem um papel importante para a conscientização da sociedade, sobre a melhor maneira de incluir essas crianças em sala de aula, considerando que é fundamental, se repensar o papel da escola pública e também particular, da família e demais responsáveis para o melhor desenvolvimento das aprendizagens significativas em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Salete Fábio (org). **Educação inclusiva: a escola** - v. 3; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2013). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5th ed.)**. Washington, DC: American Psychiatric Publishing.

BERSCHE, Rita. Tecnologia assistiva e educação e educação inclusiva. In: **Ensaio Pedagógicos**. Brasília: MEC/SEEP, 2006.

BRASIL. **Lei Federal nº12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 28 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Linha de Cuidado: Definição** - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança. Brasília, s.d.. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O ensino e a aprendizagem: os dois métodos. *In: Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu*. São Paulo. Scipione, 1999.

CHARLOP-CHRISTY, M. H.; CARPENTER, M. ; Le, L. ; LEBLANC, L. A. & Kellet, K. (2002). **Using the picture exchange communication system (PECS) with children with autism: assessment of PECS acquisition, speech, social-communicative behavior, and problem behavior**. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 35(3), 213-231.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de Aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

DONADIO, Denise Miranda de Oliveira. **O uso do método PROMPT no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

FIGUEIREDO, Carolina Salviano de. **Um estudo sobre programas de intervenção precoce e o engajamento dos pais como**

**coterapeutas de crianças autistas**. 2014.91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

FRANCO, M. A. R. S. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.97, n 247, p. 534-551, set/dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n247/2176-6681-rbeped-97-247-00534.pdf>. Acesso 02 mai. 2023.

GROSSI, E.P. **Práticas Pedagógicas Inclusivas e o Desafio da Formação de Professores**. *Rev. Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 23, n.3, 219-234. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/>. Acesso em 02 mai. 2023.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 2, 1943, p. 217-250. Disponível em: <<https://bpb-us-e1.wpmucdn.com/blogs.uoregon.edu/dist/d>



/16656/files/2018/11/Kanner-Autistic-

Disturbances-of-Affective-Contact-1943-

vooiwn.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2023.

MARFINATI, Anahi Canguçu; ABRAO, Jorge Luís Ferreira. **Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo**. *Estilos clin.* [online]. 2014, vol.19, n.2, pp. 244-262. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282014000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000200002). Acesso em: 04 jun, 2023.

MORGADO, José Carlos. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares**. Porto: Porto Editora, 2008.

NASCIMENTO, Caroline de Oliveira (2019). **Os melhores jogos de médicos: interatividade a favor do conhecimento**. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/5-jogos-para-medicosinteratividade-a-favor-do-conhecimento>. Acesso 16 de junho de 2023.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com autismo: aprendizagens por eixos de interesse em espaços não excludentes**. São Paulo: Editora Vozes, 2016.

PANERAI, S., Ferrante, L., & Zingale, M. (2013). **Benefits of the Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children (TEACCH) programme as compared with a non-specific approach**. *Journal of Intellectual Disability Research*, 57(2), 152-165.

PIMENTA, Paula. As políticas públicas para o autismo no Brasil, Sob a ótica da psicanálise. **Psicol. rev.** Belo Horizonte , v. 25, n. 3, p. 1248-1262, dez. 2019. Disponível

em> [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167711682019000300019&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682019000300019&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 14 jun. 2023.

PONCE, Joice Otávio; ABRAO, Jorge Luís Ferreira. Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 24, n. 2, p. 342-357, ago. 2019 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141571282019000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282019000200014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 jun. 2023.

RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa A.. Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM III. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 9, n.3, 460–483, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142006003007>. Acesso em 02 jun. 2023.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: Um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SCHMIDT, Carlo et al. **Transtornos globais do desenvolvimento**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, NTE, UAB, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/18316>. Acesso em: 25 mai. 2023.

SMITH, T., KLORMAN, R., & MRUZEK, D. W. (2016). Predicting outcome of communitybased early intensive behavioral intervention for children with autism.

**Journal of Abnormal Child Psychology**, 44(3), 535-546.

SCHREIBMAN L, STAHLER AC. **A randomized trial comparison of the effects of verbal and pictorial naturalistic communication strategies on spoken language for young children with autism. J Autism Dev Disord.** 2014;44(5):1244-51. <http://dx.doi.org/10.1007/s10803-013-1972-y> PMID:24272416. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s10803-013-1972-y>> Acesso em: 31 Mai. 2023.

TAMANAH, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy. Síndrome de Asperger, conhecer para compreender. **Departamento de Saúde Coletiva da Unifesp**, São Paulo, 18 de Fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://sp.unifesp.br/epe/desc/noticias/sindrome-de-asperger-conhecerpara-compreender>>. Acesso em: 10 jun. 2023.